

O ENSINO DA LIBRAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: O LÚDICO COMO FACILITADOR NA APRENDIZAGEM ¹

Ewerton Lucas da Silva Espíndola (UFPE)

Ericka de Santana Pereira (UFPE)

Resumo: O presente trabalho visa demonstrar a importância da Libras na educação infantil e o processo que esta tem para adentrar no âmbito escolar, levando em conta a proposta do lúdico como um meio facilitador na aprendizagem. Será analisado o processo de ensino-aprendizagem por meio de brincadeiras e jogos que serão capazes de contribuir para o estudo da Libras pelas crianças surdas e ouvintes. Será apresentado o seguinte questionamento: como o lúdico pode facilitar o ensino-aprendizagem de crianças surdas na educação escolar? Estabeleceu-se como hipótese, que ao trabalhar com crianças surdas utilizando a ludicidade, percebe-se que esta torna-se um instrumento facilitador no processo ensino-aprendizagem. Uma vez que, por meio das brincadeiras, é possível observar a diversidade de pensamentos, valores e culturas, estimulando assim a criança ter vontade de aprender, cooperar e principalmente, ser autoconfiante em tudo o que ela for fazer. Em resumo, os capítulos seguem a seguinte divisão: primeiramente, a introdução, contextualização e metodologia utilizada no trabalho, depois fez-se a fundamentação teórica, apresentando a evolução do ensino da Libras na educação escolar, demonstrando a importância desta língua de sinais, sendo de grande valia no decorrer das civilizações e culturas, por conseguinte, ainda na fundamentação teórica, apresentou-se o lúdico como facilitador na aprendizagem, podendo ele ser uma ponte para extinguir o preconceito e trazer a comunicação, além de contribuir para o estudo de crianças da Libras pelas crianças surdas, em suma, as considerações finais e referências bibliográficas. Vale salientar que esse trabalho é de cunho bibliográfico, portanto, usou-se de fontes teóricas, como livros, artigos, sites entre outros.

Palavras-chave: Educação escolar; Ensino-aprendizagem; Libras; Ludicidade.

¹Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras-Libras apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras. Tendo sido orientador o(a) Prof.(a): Ana Cláudia Barbosa de Lima Barros.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho emergiu de constantes pesquisas e questionamentos sobre a importância da Libras e o processo para adentrar na área da educação, levando em consideração a proposta do lúdico como um meio facilitador na aprendizagem. Salienta-se que a função da escola ultrapassa a noção de formar discentes, mas sim prepará-los para desempenhar um papel na sociedade, na busca de seus sonhos, realizando assim, uma atribuição como ser humano (MORATORI, 2003).

Logo, o papel do professor vai muito além do que apenas ensinar (MORATORI, 2003). Para isso, a sua criatividade precisa ser bastante variada, uma vez que, o docente irá atuar com a diversidade de cultura, pensamentos, valores e saberes que os discentes possuem, visto que, cada sujeito é um universo particular, com dificuldades e até mesmo limitações, ou ainda com alguns problemas de ordens e potencialidades que serão analisados, bem como, estimulados para o seu desenvolvimento.

No decorrer dos anos, observa-se que nas instituições escolares e em palestras muito tem-se falado sobre Libras, mas quando se analisa a prática, pouco tem-se feito a esta língua considerada de suma importância. As instituições de ensino na maioria das vezes não têm possibilitado o ensino da língua de sinais, visto que, a falta de profissionais qualificados no âmbito da Libras é notória, logo, ela precisa estar presente no processo de inclusão, englobando os profissionais de educação.

O histórico brasileiro demonstra que a inclusão de pessoas surdas na sociedade é uma atividade que têm causado problemas, visto que, a discriminação e o ponto de vista equivocado sobre as pessoas surdas acabaram trazendo os atrasos culturais e institucionais para os dias atuais. Como consequência, as crianças surdas de determinadas gerações vivenciaram uma fase conturbada em relação à aprendizagem. À vista disso, a problemática focalizou em obter resposta ao seguinte questionamento: como o lúdico pode facilitar o ensino-aprendizagem de crianças surdas na educação escolar?

Ao trabalhar com crianças surdas utilizando a ludicidade, percebe-se que esta torna-se um instrumento facilitador no processo ensino-aprendizagem. Uma vez que, por meio das brincadeiras, é possível observar a diversidade de pensamentos, valores e culturas, estimulando assim a criança ter vontade de aprender, cooperar e principalmente, ser autoconfiante em tudo o que ela for fazer.

Quadros (2004), afirma que, quando essa diversidade de discentes abrange os Surdos, a instituição precisa estar pronta para saber lidar com o processo de inclusão,

fazendo com que consiga desenvolver e integrar a todos na comunidade escolar. Além de trabalhar conjuntamente com os docentes para que se proceda a formação desse discente em sua língua materna: a Libras. Para isso, tanto a instituição, como os professores precisam estar prontos para desempenhar bem o ensino da Libras como primeira língua para a criança surda e como segunda língua para a criança ouvinte.

Destarte, o objetivo geral deste trabalho busca mostrar a importância do ensino lúdico como facilitador no ensino-aprendizagem de crianças surdas na educação escolar. Em conformidade, os objetivos específicos buscaram analisar sobre a brincadeira como atividade lúdica, podendo esta ser utilizada como instrumento pedagógico na educação; Apresentar como a brincadeira e suas formas permitem facilitar o ensino da Libras e a construção de um local de inclusão social na instituição; E observar o processo de ensino-aprendizagem através de brincadeiras e jogos que serão capazes de contribuir para o estudo da Libras pelas crianças surdas.

Salienta-se que, trata-se de um assunto de suma importância, visto que diante dos impasses que a comunidade surda encara, e das dificuldades encontradas no convívio diário das escolas brasileiras, as atividades lúdicas relacionadas ao ensino da Libras, permitem que sejam tidas como um recurso educacional, concedendo liberdade ao ensino e, principalmente, finda promovendo a inclusão social na educação.

Logo, as buscas aqui presentes podem contribuir de forma significativa não somente em relação aos estudantes das ciências humanas, mas a qualquer pessoa, dado que, os mesmos passam a conhecer melhor o processo de inclusão do ensino da Libras, bem como, a função do lúdico como facilitador na aprendizagem.

A nível acadêmico, esse trabalho contribui para promoção e evolução do tema para posteriores pesquisas relacionadas ao assunto, o distanciamento da ignorância, e o aprimoramento da capacidade argumentativa, haja vista a exposição dos fatos.

À vista disso, o presente trabalho busca analisar o processo de ensino-aprendizagem por meio de brincadeiras e jogos que serão capazes de contribuir para o estudo da Libras pelas crianças surdas. Mostrando, por meio de consultas bibliográficas que método utilizado é bastante eficaz para o ensino da Libras, mostrando a verdadeira necessidade de levar os docentes e as escolas a analisarem essa reflexão, bem como, repensarem suas práticas pedagógicas.

1. REFERENCIAL TEORICO

A EVOLUÇÃO DA LIBRAS NO BRASIL

No decorrer do século XV, as pessoas surdas eram consideradas indivíduos sem quaisquer educação e respeito, sujeitos selvagens, sem aptidão para compreender as coisas, bem como, não tinham a capacidade de aprender o que lhes era passado, não existia uma maneira correta de “educação” para estes. Neste viés, as famílias deixavam de frequentar reuniões, como também excluía os seus filhos por sentirem vergonha de apresentá-los para a sociedade, pois esta os menosprezava.

Logo, por não possuírem o padrão proposto pela sociedade, essas crianças ficavam detidas em casa, sem acesso à escola e só poderiam sair na companhia de seus pais (GOLDFELD, 2002). No início do século XVI aconteceu uma grande mudança nos fatos, tanto que na Europa iniciou-se uma luta em prol da educação. Esta foi definida pela atuação de Eduard Huert, um surdo francês farto da injustiça cometida aos surdos.

Na época, não se sabia que os surdos eram uma comunidade. Goldfeld (2002) explica que foi a partir de então que a luta continuou se expandindo até que, em 1857, Eduard Huert ingressou ao Brasil e solicitou a Dom Pedro II para este instituir a primeira escola para surdos do país. Os métodos funcionaram, e a escola foi rebatizada de Imperial Instituto de Surdos Mudos.

A instituição funciona até os dias atuais, esta passou por algumas mudanças tanto físicas como estruturais, atualmente ela é conhecida como Instituição Nacional de Educação de Surdos – INES. Vale ressaltar que, apesar da luta pelos direitos dos Surdos, ocorreu um evento referente à surdez em Milão, onde foi abolido o uso das línguas de sinais no mundo e a justificativa para tal questão é que, para eles, a melhor maneira de comunicação entre surdos e ouvintes não era a gestual, mas sim a leitura labial. Damázio (2005) afirma que:

“A LIBRAS, a Língua Brasileira de Sinais, possibilita o desenvolvimento linguístico, social e intelectual daquele que a utiliza enquanto instrumento comunicativo, favorecendo seu acesso ao conhecimento cultural científico, bem como a integração no grupo social ao qual pertence” (DAMÁZIO, 2005, p.61).

À vista disso, depois desse evento em Milão, houve uma persistência em relação ao uso da língua de sinais, logo esta voltou a ser utilizada, no entanto, em meados de 1993, iniciava-se uma nova discussão sobre o projeto de lei que tinha por finalidade regulamentar Libras no território brasileiro. Finalmente, em 24 de abril do ano de 2002, a Lei de nº 10.436 foi aprovada, reconhecendo assim, a Libras como meio legal de comunicação e expressão no Brasil, ratificada pela Lei da Acessibilidade, Lei de nº 10.068.

LINGUA DE SINAIS E A INCLUSÃO DE CRIANÇAS SURDAS

Como já visto, a Libras é considerada uma língua reconhecida no território brasileiro desde sua aprovação em 24 de abril de 2002, por meio da Lei de nº 10.436. Esta é conhecida como uma língua gesto-visual, na qual o sujeito pode se comunicar por meio de gestos, expressões faciais, bem como, corporais.

À vista disso, é sabido que, o surdo nasce em um mundo estruturado para os ouvintes e logo no início da sua vida este tem o anseio integrar-se nele. Silva (2006) afirma que o anseio da criança em poder participar do mundo majoritariamente ouvinte é a procura por pertencimento e uma falta que já é exigida no momento de seu nascimento.

A adequação é um procedimento inevitável, na qual o seu caminho é cheio de desafios. Nesse viés, sua inclusão ao sistema regular de ensino é um debate social e político, com diferenças de compreensão e interpretação por causa dos valores culturais retratados em normas e comportamentos sociais. Para alcançar a verdadeira inclusão social, o legado da discriminação deve ser superado (LODI, 2013).

A inclusão de crianças surdas é essencial desde a educação infantil, uma vez que além de ajudar as crianças ouvintes a interagir com as crianças com deficiência, também facilita a integração dos surdos à sociedade. Como a infância é o período em que o indivíduo forma sua visão de mundo, a sociedade deve começar a ser inclusiva a partir daí. Não é recomendado que a pessoa seja excluída do mundo social nos primeiros anos de sua vida, para ser incluída quando o contato for inevitável.

Conforme Silva (2006), a formação cognitiva do sujeito não é isolada, no entanto, esta interage constantemente com o significado social. Assim, surge um impulso para a inclusão social quando crianças surdas e ouvintes convivem no mesmo ambiente e vivenciam experiências compartilhadas.

Mesmo com as suas limitações de comunicação, as crianças surdas conseguem se engajar no mundo auditivo por meio de gestos falados. Essa adaptação se deve à imagem espelhada do mundo ao seu redor, que utiliza a linguagem falada, de maneira que o primeiro impulso da criança é imitar o comportamento de seu grupo social (TORRES, 2020).

Além dos gestos falados, existem outras possibilidades de engajamento efetivo dos surdos no mundo da audição, como o âmbito da educação inclusiva e o domínio completo da Libras. Para alcançá-los, a atitude de todos os envolvidos na vida de uma criança precisa mudar, estes precisam aprender a língua de sinais para conseguirem se comunicar de forma clara com a criança surda (LARCERDA, 2000; ALVES; FRASSETTO, 2015).

Além da família, a educação infantil é outra importante via de inclusão social. Torres (2020) revisa o atraso no desenvolvimento da linguagem em crianças surdas limitadas pela vida familiar. Muitas vezes em casa, ela desenvolve uma forma de se comunicar com os pais, mas isso é de pouca utilidade para os desafios que ela enfrentará na escola e na sociedade. Por causa disso, as crianças precisam de treinamento de linguagem para se comunicar de forma eficaz na vida social fora do ambiente doméstico.

As escolas são instituições que podem oferecer essa alternativa e desenvolver o potencial das crianças surdas. No entanto, não basta que as crianças surdas iniciem o processo com a educação infantil. A presença de profissionais formados em língua de sinais e capacitados para ensinar crianças surdas é muito importante.

Portanto, a presença de intérpretes tem um grande impacto na vida da criança, visto que facilita o processo de compreensão do mundo. Logo, é necessário que os intérpretes estejam envolvidos no cotidiano das crianças surdas, aprendendo durante a alimentação, o sono e outras atividades diárias abertas. A falta de ambientes escolares e profissionais receptivos agrava as disparidades que as crianças surdas trazem de casa.

Para que ocorra uma inclusão social eficaz de crianças surdas, bem como de crianças com deficiência, torna-se essencial que a sociedade que vivencia o dia a dia dessa comunidade seja ouvida tanto politicamente, como socialmente e culturalmente (LODI, 2013).

Dessa forma, Martins, Albres e Sousa (2015) salientam como a Libras e os profissionais que dela se utilizam são de suma importância, trazendo mudanças culturais, uma vez que é primordial ocorrer logo uma alteração de percepção no

ambiente escolar e familiar, que são locais no qual a criança surda mais convive, para posteriormente soltá-la no nível da sociedade.

Como Fortuna (2008) comenta, a capacidade de transformar culturalmente é grandemente efetiva no decorrer da formação escolar, podendo, dessa forma, ultrapassar o estigma social, se porventura, o ambiente for bem conduzido.

O ENSINO DA LIBRAS NA EDUCAÇÃO INFANTO-JUVENIL

Lacerda e Turetta (2018) enfatizam que o homem é considerado um ser social, este evolui por meio da vivência obtida com pessoas na qual convive. Essa evolução não resume-se à mera assimilação dos conhecimentos obtidos, no entanto abrange o ingresso às atividades psicológicas como memória, imaginação, linguagem e pensamento.

A experiência e a convivência também são processos evolutivos no cotidiano das crianças surdas. No entanto, diferente das crianças ouvintes que tem a aptidão no contato com a Língua Portuguesa no início de sua vida, por meio da fonética, a evolução plena da criança surda apenas poderá ser possível com a obtenção da língua oficial de sinais.

À vista disso, o ensino da Libras na educação infanto-juvenil é de grande importância, uma vez que proporciona às crianças ouvintes aprenderem a língua de uma comunidade distinta, bem como desenvolverem no convívio o método inclusivo. Nessa ocasião, quando se trata de convivência, as escolas precisam estar prontas para receberem ambas as crianças, tanto as surdas como as ouvintes.

Lodi (2013) e Viñal Junior e Bento (2020) comentam que no Brasil, essa compreensão supracitada apresenta um histórico político polêmico por ter se fundamentado em distintos pontos de vistas referentes ao significado de inclusão. De um lado, foi firmado o entendimento de que a criança especial é quem teria o dever de se adequar ao âmbito escolar, excluindo a obrigação da escola. Como desfecho, essa ação resultou na lei em situações desiguais com a realidade.

Noutro viés, o outro entendimento, este mais recente, observou que as leis e normas sociais precisariam partir do ponto de vista de quem convive o dia a dia com a comunidade de pessoas deficientes e junto às outras áreas da sociedade chegar a uma perspectiva mais pragmática que poderá ser capaz de ser empregada na sala de aula. Embora tendo divergências por causa dessas influências diferentes que retratavam nas

leis, ocorreram alguns progressos recentemente num âmbito mais próximo de que pode ser empregado factualmente.

Tem-se como exemplo a implantação da Libras na formação de docentes nos cursos de letras e pedagogia (NASCIMENTO et al., 2016). A admissibilidade de simultaneidade da língua falada e de sinais na rotina diária da escola traz consigo a oportunidade de afinidade das crianças ouvintes e surdas. Fixada a Libras nas instituições regulares, o processo inclusivo é empregado nas escolas para receberem as crianças surdas.

Segundo Schemberg, Massi e Guarinello (2012), no momento em que a criança surda é inserida na instituição regular, existe um auxílio para que não apenas ela, todavia a criança ouvinte também possa fortalecer a aptidão para Libras. Ademais, a existência de um professor com capacidade para guiar esse processo assegura um grau de qualidade que não seria realizável na sua falta. Essa torna-se mais uma via que beneficia o ensino de crianças surdas e ouvintes para o processo de inclusão na comunidade.

O ensino da Libras na educação infanto-juvenil tem bastante a colaborar com os ouvintes e surdos, uma vez que auxilia no refazer das visões linguísticas e nas conexões entre as atribuições psicológicas superiores. Conforme Alves e Frassetto (2015), o avanço da Libras a partir da educação infantil é expressivo, visto que colabora na interação social e na expressão motora da criança, além de beneficiar a identificação de si próprio e do próximo.

Em relação às prováveis soluções pedagógicas para o ensino da Libras, Pimentel, Limite e Buenaga (2021) enfatizam vários métodos que são capazes de serem trabalhados pelos docentes. Dentre eles, existe o crescimento de exercícios de libração de histórias, a utilização da leitura de maneira livre e agradável, bem como a utilização de jogos e brincadeiras, que além de instruírem, proporcionam inclusão social e ludicidade. Esta comunicação permite a esses alunos usarem as expressões corporais, como também, a imitação de gestos, concedendo mais liberdade aos seus movimentos.

Conforme Schemberg, Massi e Guarinello (2012), tanto as crianças surdas, como as ouvintes precisam ser valorizadas na escola, visto que o ensino/desenvolvimento e linguagem/pensamento não são tidos como similares, no entanto são inter-relacionados. Logo, é preciso que o docente, na hora de ensinar a Libras, considere a percepção de que o pensar é qualificado como um procedimento demorado e precisa de auxílio e

instrução para conseguir chegar até a linguagem verbal e que, em última alçada, prossiga para o avanço intelectual.

À vista disso, entende-se que os graus de crescimento humano são distintos entre a fase da apropriação em percurso, razão na qual o aluno precisa da ajuda do professor e da família, e a fase prática, onde é capaz de solucionar seus obstáculos com autonomia. Nesse viés, o ensino da Libras faz com que a criança consiga evoluir em ambas as fases.

ALGUNS DESAFIOS NO ENSINO DA LIBRAS

São inúmeros desafios no ensino da Libras, tanto em diretriz política, como cultural ou social, logo, percebe-se que há muito a ser realizado. Lodi (2013) enfatiza os progressos e embates na área política referente à educação bilíngue para surdos e a sua inclusão social. Um dos maiores desafios atualmente é o impasse em relação à aplicação da letra de lei.

A discordância entre o que a lei decide e a veracidade que as escolas sofrem torna-se um obstáculo que, infelizmente está causando uma desavença, gerando assim, um impacto contrário à educação de crianças surdas.

Em relação ao contexto familiar em que a criança surda convive, é perceptivo que há alguns impedimentos. Conforme Schemberg, Massi e Guarinello (2012), a instituição e os entes familiares precisam estar envolvidos de maneira ativa para ofertar à criança surda a possibilidade de aprender Libras. Tanto os pais como os professores devem estudar a interação linguística da criança e, para que isso aconteça, estes necessitam buscar conhecimento referente à condição da criança, bem como quais são os métodos para se comunicarem com ela.

Vale ressaltar que, a maioria dos pais e também alguns professores não possuem uma compreensão no tocante a surdez, logo, estes não conseguem ter uma comunicação eficaz com seus filhos e alunos. O método de ensino e aprendizado da Libras fica mais trabalhoso para a criança surda a partir do momento em que ela é filha de pais ouvintes, como acontece na maioria das ocorrências, visto que há uma barreira linguística.

Diante da ausência de conhecimento da família no que diz respeito à língua de sinais, existe um acomodamento na maneira de se comunicar com a criança, de maneira que ela adquire uma comunicação não oficial da língua, desenvolvendo seu próprio código restrito a essa área.

Schemberg, Massi e Guarinello (2012) descrevem ainda sobre as incompatibilidades na inserção do processo de inclusão dos surdos, que ao desenvolverem a língua de sinais não são capazes de se comunicarem seguramente no ambiente escolar e familiar, justamente por causa da não correspondência dos gestos usados pelos pais e professores.

Conforme Guarinello et al. (2006), como a língua para os surdos é visual-espacial, e para os pais ouvintes a língua é de categoria oral-auditiva, causa um considerável afastamento linguístico e, como consequência, social. Destarte, apesar de leis ou estatutos, é de grande importância que as escolas e a família compreendam a necessidade do estudo da Libras para que usem o mesmo regulamento linguístico do surdo proporcionando na prática a sua real inclusão. No entanto, é perceptível a falta de afinidade entre a família e a escola, provocando assim, prejuízos no progresso da criança.

À vista disso, Lacerda e Turetta (2018) comentam que o procedimento habitual para desenvolver uma língua acontece no modo oral-auditivo, entretanto, para uma criança surda, a aprendizagem de uma língua transita por outros meios. A aquisição da Libras é praticamente gesto-visual, e quanto mais rápido a criança surda conseguir ingresso a esta língua, mais chegada ela estará ao avanço linguístico de uma criança ouvinte. Uma vez que, as distinções nos gestos que ela usa em família e que passa a usar no campo escolar desorientam-na, sendo capaz de levá-la ao desprezo pela escola.

Lodi (2013) ressalta que há a possibilidade de a Libras ser comparada à uma língua estrangeira, ao se tratar de relações sociais e culturais. Destarte, ela não se extingue a um instrumento comunicativo para o espaço escolar da criança surda, todavia precisa ser compreendida como uma disciplina de língua estrangeira (MARQUES; BARROCO; SILVA, 2013). Logo, é como se a criança surda conseguisse encontrar na Libras a sua língua nativa e, posteriormente ela será capaz de acompanhar com maiores condições de igualdade a criança ouvinte.

A educação da criança surda tem a necessidade de conceder um caminho diverso para gerar uma relação entre símbolos e significados. A utilização de gestos, o faz de conta, a ilustração e outros exercícios que averiguam os significados por trás das palavras, concede à criança surda a capacidade de aprender a se pronunciar de forma mais variada e completa (LACERDA; TURETTA, 2018).

Por essa razão, as palestras de debates pedagógicos voltados para população surda corroboram cada vez mais o entendimento de que somente uma conduta

multidisciplinar será capaz de capacitar a criança para transpor os obstáculos que as variações de expressão trazem em si (SILVA; SILVA, 2016).

Nesse viés, Nascimento (2016) dá uma possibilidade educacional, que acrescenta com o que Lacerda e Turetta (2018) e Pimentel, Limite e Buenaga (2020), falam sobre a utilização de jogos de memória de letras e números em Libras. O emprego desse tipo de jogo ajuda na compreensão de que é necessário usar de meios de ensino que auxiliem a melhorar a igualdade de ensino para as crianças surdas.

Ao tempo em que a construção de narrativas convenientes para a criança permite que a criatividade e o avanço de conceitos sejam revigorados, a utilização de atividades lúdicas assegura a interação entre crianças surdas e ouvintes.

O LÚDICO COMO FACILITADOR NA APRENDIZAGEM

Há uma concepção equivocada, vista como uma herança cultural, de que a criança surda tem inépcia de abstração (SILVA, 2006). Por essa razão, não é anormal encontrar narrativas de crianças surdas sendo tidas como se possuíssem algum grau de restrição cognitiva. Em algumas situações, essas mais extremas existem a discriminação e o abandono. Todavia, em oposição a esse entendimento, a criança surda leva em si todos os atributos normalmente encontrados nas crianças ouvintes (ALVES; FRASSETTO, 2015). Existe somente uma mudança na forma na qual ela se expressa e se comunica.

Destarte, a criança surda consegue aproveitar todas as atividades lúdicas que lhes é passada. Existe, por sinal, uma estreita conexão do proveito pedagógico na utilização de brincadeiras e o ensino de Libras (PEREIRA et al, 2009). O brincar no ensino da Libras na educação infantil, tanto para as crianças surdas quanto para as ouvintes, coopera no estimular da abstração das crianças e no avanço intelectual e motor, dentre outras colaborações. Isto permite que as crianças se manifestem e interpretem a cultura de cada uma delas na criação de uma comunicação positiva.

Nascimento et al. (2016) enfatiza que jogos que são feitos para serem utilizados no contexto da Libras aproximam não apenas as crianças surdas entre si, mas engloba também as crianças ouvintes. Assim, existe uma inclusão aguardada na sala de aula e há a integração de todos, uma vez que os jogos que usam o contexto da criança surda servem tanto para reforço no ensino sobre saber viver com as diferenças, quanto de

instrumento didático para outros tipos de atividades do ensino infantil. Isto é, os jogos possuem duas finalidades: incluir socialmente e enriquecer didaticamente.

Com a finalidade de ultrapassar barreiras, no decorrer do percurso, a criança surda pode necessitar de assistência para poder interagir com as crianças ouvintes. A brincadeira na educação infantil é essencial para as crianças, e se elas forem surdas, irão precisar da ajuda de um intérprete capacitado para auxiliar no diálogo dentro da sala de aula.

Martins, Albres e Sousa (2015) enfatizam que a partir do momento em que o bilinguismo é debatido na educação infantil, é interessante que os docentes tenham a percepção de como a criança surda participa da realidade, quanto à linguagem.

O uso de brincadeiras acessíveis às crianças ouvintes e surdas é uma maneira de estreitar as relações sociais no contexto da sala de aula. Torres (2020), Nascimento et al. (2016) e Lacerda e Turetta (2018) comentam em suas teses que o uso de instrumentos visuais para tarefas escolares e brincadeiras tem o poder de colocar todas as crianças numa mesma análise.

Mesmo possuindo problema auditivo, a habilidade visual da criança precisa ser examinada de maneira a ser compensada, concedendo-lhe estratégias que ajudem seu meio de inclusão. Apesar de o surdo ter suas limitações, isto não o impossibilita de ser um sujeito ativo na sociedade (SCHEMBERG; MASSI; GUARINELLO, 2012).

A maneira de como a brincadeira ajuda na construção do indivíduo socialmente, a partir do momento em que absorve informações referentes à sua realidade, pode ser norteada para transformar os valores tanto culturais como sociais (FORTUNA, 2008). À vista disso, a inclusão da Libras na vida da criança, surda ou ouvinte, através de exercícios lúdicos pode criar um local conveniente para a transformação de percepções no diálogo com a pessoa surda.

Essa reavaliação causada nas relações sociais experimentadas pela criança surda, além de ser de suma importância para o avanço global, dá a oportunidade para sua independência e humanização.

Conforme Martins, Albres e Sousa (2015), o ensino da Libras concede a crianças surdas e ouvintes o crescimento de afetividade e intelectualidade, além de contribuir na flexibilização teórica de objetos e comunicação com os outros na hora das brincadeiras. O ensino da Libras é essencial para a ampliação da atividade lúdica, estimulando além da criatividade, a autonomia e a autoconfiança.

A partir do momento em que as crianças surdas e ouvintes interagem por meio da brincadeira, elas são capazes de aprenderem o novo idioma com mais facilidade, possibilitando a sua abertura no universo simbólico do faz de conta. Logo, essa interação ajuda na evolução das expressões corporais, orais e raciocínio lógico.

A estimulação do professor por meio da brincadeira, desperta na criança a conquista dos seus valores e visão de mundo, desse modo determina um olhar crítico ao mundo vivido (SANTOS; GIL, 2012). A vista disso, o sistema de reconstrução de si mesma contribui para a criança surda levantar questões, sugerir opções e ampliar a cooperação e a organização social.

A partir do momento em que uma criança surda brinca, ela acaba aproximando a questão da comunicação. E através dessa nova linguagem cresce consideravelmente o seu vocabulário com novas compilações linguísticas.

Tanto os jogos como as brincadeiras são momentos significativos na vida das crianças, uma vez que dão a elas a oportunidade de usarem a imaginação, isto é, a faculdade delas conseguirem estruturar suas ações usando as representações simbólicas (PEREIRA et al, 2009). Visto que, através da brincadeira que o aluno surdo usa sua aptidão psíquica referente às fantasias, utilizando os desenhos, construindo personagens com normas e expressões de valores fundamentados em seu convívio social.

Sabe-se que na educação infantil o professor é capaz de propor exercícios que explorem jogos considerados dinâmicos que prezam a representação, idealizando brincadeiras que venham a respeitar a capacidade motora individual. Todo exercício proposto para uma criança atua como um jogo que irá estimular o seu raciocínio ajudando-a na compreensão de ser tornar um adulto apto para a vida.

Além das proezas no desenvolvimento motor, incorporação dos valores sociais e memorização, as brincadeiras e os jogos possibilitam ganhos bastante satisfatórios, principalmente para as crianças surdas em relação à obtenção da linguagem, concedendo-lhes maior segurança e função para a utilização da Libras. Pereira et al. (2009) diz que as percepções sensoriais são consideradas alicerces para a evolução psíquica.

Para as crianças surdas, a compreensão da Libras, é o complemento fundamental para que a sua incapacidade não implique todos os benefícios que a língua propicia. Logo, analisada a importância da língua de sinais na vida da pessoa surda, a mediação da família e docentes, nesta perspectiva, precisa ocorrer de maneira mais precoce possível.

Destarte, Pimentel, Limite e Buenaga (2021) finalizam dizendo que a partir do momento em que a criança surda começa a ter contato com os exercícios lúdicos, a exemplo da libração de histórias, vídeos em Libras e brincadeiras cantadas, adequada a seu cenário social, existe uma grande possibilidade de comunicação, permitindo que as crianças tanto ouvintes quanto surdas, possuam uma relação verdadeira e com qualidade, além de contribuir com um ensino-aprendizagem no procedimento lúdico mais significativo e prazeroso.

Essa conduta dá à criança a capacidade de desenvolver as habilidades comunicativas que estão além da linguagem escrita, uma vez que consegue instrumentos de expressão que vão de gestos a desenhos. Torna-se uma conduta que se integra através da utilização de várias vias de expressão.

As crianças surdas ganham em qualidade de ensino, visto que tem ingresso a um conjunto de manifestações sensoriais e de sentido. Essa expressividade ajuda tanto no ensino da Libras, como na escolha de objetos em Língua Portuguesa, isto é, significativamente inclui.

2. METODOLOGIA

O método usado neste trabalho foi de cunho bibliográfico que se caracteriza como pesquisa desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Sendo assim, buscou-se no acervo bibliográfico, incluindo sites de consultas e pesquisas científicas, como: Google Acadêmico, Scielo Brasil, e Portal de periódicos da Capes, com os seguintes descritores: “O Ensino da Libras na Educação - O Lúdico como facilitador na Aprendizagem”.

Foram encontrados vinte e sete artigos e utilizados cerca de dezoito, considerados de suma importância para o aperfeiçoamento deste trabalho. Quanto à revisão literária, foram utilizados autores como Damázio (2005), Fortuna (2008), Lacerda (2018). Outros artigos foram selecionados para discussão de temas específicos de maneira conceitual, estão dispostos na referência.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ao analisar as informações trazidas no referencial teórico, bem como os problemas citados pelos autores em diversos artigos, tira-se a conclusão que diante das dificuldades que a população surda enfrenta, bem como os bloqueios encontrados na realidade das escolas brasileiras, as atividades lúdicas relacionadas ao ensino da Libras são capazes de servir de abrigo e liberdade para o ensino voltado as pessoas com deficiências e, como consequência, acarreta a inclusão social na educação infantil (DAMÁZIO, 2005).

Doutrinadores como Schemberg, Massi e Guarinello (2012) entendem que, a partir do momento em que se tem um entendimento inicial referente às contribuições da brincadeira na educação infantil e a função do docente como intermediário, torna-se possível averiguar o cenário de como a brincadeira é capaz de auxiliar na inclusão de crianças surdas e no ensino da língua de sinais.

Pimentel, Limite e Buenaga (2021) enfatizam que há pouca disponibilidade por parte de alguns professores propriamente qualificados, isto representa outro grande desafio. Por outro lado, observa-se a escassez de qualificação de profissionais preparados para o ensino da Libras, sobretudo, por causa da baixa oferta de cursos que venham qualificar o intérprete. Considerando a vasta extensão do território brasileiro, a maioria dos cursos oferecidos estão localizados nos grandes centros urbanos, dificultando assim, a saída de professores das cidades do interior.

Outra dificuldade que tem alarmado é o próprio estudo da Libras. Marques, Barroco e Silva (2013) ressaltam que na prática, o docente irá aprender outra língua/idioma, o que não é tarefa tão fácil, levando muitos a falta de interesse. Destarte, a existência de um professor com capacidade para guiar esse processo assegura um grau de qualidade que não seria realizável na sua falta. Essa se torna mais uma via que beneficia o ensino de crianças surdas e ouvintes para o processo de inclusão na sociedade.

Destarte, tanto a escola como os entes familiares precisam estar envolvidos de maneira ativa para ofertar à criança surda a possibilidade de aprender Libras. Visto que, os pais e os professores precisam estudar a interação linguística da criança e, para que isso aconteça, estes necessitam buscar conhecimento referente à condição da criança, bem como quais são os métodos para se comunicarem com ela, é o que salienta os autores Schemberg, Massi e Guarinello (2012).

Portanto, espera-se que este artigo possa estimular e contribuir de forma significativa não somente em relação aos estudantes das ciências humanas, mas a qualquer pessoa, dado que, os mesmos passam a conhecer melhor o processo de inclusão do ensino da Libras, bem como, a função do lúdico como facilitador na aprendizagem.

Visto que este se trata de um assunto de suma importância, uma vez que diante dos impasses que a comunidade surda encara, e das dificuldades encontradas no convívio diário das escolas brasileiras, as atividades lúdicas relacionadas ao ensino da Libras, permitem que sejam tidas como um recurso educacional, concedendo liberdade ao ensino e, principalmente, finda promovendo a inclusão social na educação (MARTINS; ALBRES; SOUSA, 2015).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou demonstrar o processo de ensino-aprendizagem por meio da ludicidade como instrumento facilitador do ensino da Libras pela criança surda e ouvinte, demonstrando através das bibliografias disponibilizadas que esse método pode ser eficiente para aprendizagem, tanto para Libras, como para outras disciplinas, mostrando também a grande necessidade de conduzir os docentes e as escolas o despertar para essa conduta, bem como faz com que estes repensem sobre suas práticas pedagógicas.

Conforme já visto no desenvolvimento, as atividades lúdicas são fundamentais para uma infância saudável, como também para a capacitação completa do indivíduo, uma vez que elas acabam sofrendo atuações históricas que modificam a forma de brincar. À vista disso, é notório o quanto as crianças conseguem absorver os princípios sociais e culturais, despertando assim, uma real compreensão de mundo. Através da ludicidade os valores, as regras, as dinâmicas sociais e até mesmo os preconceitos históricos são compreendidos, ou seja, a brincadeira é uma abertura de acesso para a criança à herança cultural de uma comunidade.

O que se pode observar em relação à abstração, é que a ludicidade serve como ponte para a ampliação da realidade material para a realidade psicológica. As crianças acabam tomando a dinâmica do dia a dia emprestada para usar dela nas suas criações internas. Mesmo com esse empréstimo, as imaginações que lhes são pertencentes

somente utilizam desses instrumentos para amplificar as capacidades de leitura da realidade. Há na ludicidade o potencial de transformar e de incorporar padrões, além daqueles que a realidade lhe concede.

À vista disso, como já visto no corpo do trabalho, a partir do momento em que as dificuldades enfrentadas no ensino da Libras e de inclusões sociais da criança surda são levadas em consideração, torna-se perceptível que a ludicidade pode servir como mecanismo pacificador. Em relação às crianças porque a brincadeira dá espaço para inclusão de novos instrumentos no aprendizado, de maneira que o ensino da Libras pode ser um deles. Em relação aos docentes porque a brincadeira produz um espaço afetivo para as crianças serem apresentadas à língua de sinais, bem como faz com que elas reconheçam a dignidade das pessoas surdas.

Conforme o resultado e diante da facilidade e propósito que as crianças têm em brincar e relacionar-se com seus colegas na hora das brincadeiras, o docente consegue fazer a mediação para proporcionar a inclusão social da criança surda. Ele também pode usar esse momento para conversar melhor com os alunos e, por sua vez, fazer uma sondagem de informações que sejam consideráveis para serem utilizadas nas práticas pedagógicas. A utilização de jogos que abrangem a Libras é claramente favorável para ajudar as crianças surdas e ouvintes a interagirem e construir um vínculo de comunicação.

Como supracitado, a inclusão de pessoas surdas no meio social é um processo contínuo e tem sido difícil. Tanto o preconceito como os pensamentos equivocados acarretaram um retardo cultural e institucional para os tempos hodiernos. Consequentemente, as crianças surdas de diversas gerações tiveram o seu avanço prejudicado. Por esse motivo, a tentativa de liberdade desse grupo precisa passar, de maneira obrigatória pela formação de docentes.

O artigo em questão demonstrou que tanto o professor como a família são peças fundamentais para o ensino de Libras e inclusão social de crianças surdas. Uma vez que, por meio das decisões tomadas pelo professor é que a criança poderá ficar presa ou ter liberdade aos instrumentos para vencer os limites trazidos pela sua deficiência. Por sua vez, a família é considerada o primeiro grupo na qual a criança tem comunicação, ou seja, eles são os primeiros a lidarem com os obstáculos trazidos na conversa com a criança surda e a impactar o avanço da criança.

Através dos resultados trazidos, torna-se fundamental explorar cada vez mais o uso da ludicidade como instrumento pedagógico na superação dos estigmas ao seu

respeito. Da mesma forma, o ensino de Libras na educação infantil por essa razão precisa ter maior atenção, para que a sociedade venha se afastar do abandono da realidade da criança surda e seguir em sentido a valorização de uma educação bilíngue inclusiva.

É fundamental pesquisar novas práticas que valorizem o lúdico e que busquem favorecer um ensino-aprendizagem agradável, uma vez que, a partir do momento em que inserido em sala de aula, este passará a ser um lugar feliz, descontraído e motivador no ensino, tanto da aprendizagem, como concedendo autonomia ao aluno.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Elizabete Gonçalves; FRASSETTO Silvana Soriano. Libras e o desenvolvimento de pessoas surdas. **Aletheia**, Canoas, RS, n. 46, p. 211-221, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n46/n46a17.pdf>>. Acesso em: 06 mai 2021.
- DAMÁZIO, Mirlene Ferreira. **Educação Escolar Inclusiva de Pessoas com Surdez na Escola Comum – Questões Polêmicas e Avanços Contemporâneos. 1. ed. Campinas: Brasil, 2005.**
- FORTUNA, Tânia Ramos. O brincar, as diferenças, a inclusão e a transformação social. **Atos de Pesquisa em Educação**, Porto Alegre, 2008, v. 3, n. 3, p. 460-472, set./dez. 2008. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/204105>>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- GUARINELLO, Ana Cristina et al. A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Educação Especial**. 2006, v. 12, n. 3 p. 317-330. ISSN 1980-5470. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382006000300003>>. Acesso em: 03 jan. 2022.
- GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 7. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inserção da criança surda em classe de crianças ouvintes: focalizando a organização do trabalho pedagógico. 23ª Reunião Anual da ANPED, 24 a 28 de setembro: **Anais**. Caxambu, MG: ANPED, 2000. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/1518t.PDF>>. Acesso em: 08 abr. 2022.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; TURETTA, Beatriz Aparecida dos Reis. Representação simbólica por crianças surdas na educação infantil. **Horizontes**, v. 36, n.

3, p. 24-35, set./dez. 2018. Disponível em:

<<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/718>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto N° 5.626/05. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n.1, p. 49-63, jan./mar. 2013. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ep/a/sr67CQpjymCWzBVhLmvVnKz>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

MARQUES, Hivi de Castro Ruiz; BARROCO. Sonia Mari Shimi; SILVA, Tânia dos Santos Alvarez da. O ensino da Língua Brasileira de Sinais na educação infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na psicologia histórico-cultural.

Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, SP, n. 4, p. 503-518, out./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbee/v19n4/v19n4a03.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira; ALBRES, Neiva de Aquino; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. Contribuições da educação infantil e do brincar na aquisição de linguagem por crianças surdas. **Pro-Posições**, v. 26, n. 3, p. 103-124, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-7307201507805>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva et al. Jogo da memória dos alfabetos em libras & jogo da memória dos números em libras: duas propostas didáticas de inclusão. II CINDETI: **Anais**. Campina Grande, PB: Realize Editora, 2016. Disponível em:

<<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/23035>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

PEREIRA, Maria José; RODRIGUES Evaldina; JACOBSEN, Cristina Cerezuela;

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. Brincadeira e inclusão na educação infantil. V Congresso Brasileiro Interdisciplinar de Edição Especial. 3 a 6 de nov.: **Anais**. Londrina, PR: UEL, 2009. Disponível em:

<<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2009/100.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

PIMENTEL, Claudia; LIMITE, KeissySibelly Moraes; BUENAGA, Vivian. Professora ouvinte na educação de surdos: diálogos sobre histórias e brincadeiras na educação infantil. **RevistAleph**, Niterói, RJ, Ano XVII, n. 35, p. 200-218, dez. 2020. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/542899345/2397-583-PB>> Acesso em: 05 jan. 2022.

SANTOS, Lara Ferreira dos; GIL, Maria Stella Coutinho de Alcântara. Do gesto ao sinal na educação infantil: o aprendizado de Libras por crianças surdas. **ReVel**, v 10, n.

19, 2012. Disponível em:

<<http://www.revel.inf.br/files/d37fe6d3e32ded9a36638089b986740b.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

SCHEMBERG, Simone; GUARINELLO, Ana Cristina; MASSI, Giselle. O ponto de vista de pais e professores a respeito das interações linguísticas de crianças surdas.

Revista Brasileira de Educação Especial. 2012, v. 18, n. 1, p. 17-32. ISSN 1980-5470. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000100003>>. Acesso em: 7 out. 2021.

SILVA, Daniele Nunes Henrique. Surdez e inclusão social: o que as brincadeiras infantis têm a nos dizer sobre esse debate? **Cadernos CEDES**, v. 26, n. 69, p. 121-139, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32622006000200002>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

SILVA, Daniele Nunes Henrique; SILVA Carine Mendes da. Libras na educação de surdos: o que dizem os profissionais da escola? **Psicol, Esc. Educ.**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 33-43, jan./abr., 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-353920150201917>>. Acesso em: 05 fev. 2022.

TORRES, Maria Carmen Euler. A criança surda “falando” pela brincadeira: infância, corpo e ethos surdo. **Desidades**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 25-38, abr. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822020000100003>. Acesso em: 07 fev. 2022.

VINÃL JUNIOR, José Veiga; BENTO, Aline Kércia Sampaio Oliveira. Reflexões sobre a educação inclusiva de alunos surdos. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 5, 2020.

Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/60300>>. Acesso em: 25 jan. 2022.